

Literatura infanto-juvenil e gêneros textuais: uma proposta pedagógica com o livro “Classificados Poéticos”, de Roseana Murray

Karla Reis Martins

Graduada em Letras/Inglês e pós-graduada em Estudos Literários pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila. Coordenadora Pedagógica da rede estadual de ensino de SP. karla22@gmail.com

Jacqueline Britto Sant'Anna

Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo – FE – USP. buenfil64@hotmail.com

Resumo

Este trabalho aborda o papel da escola e do professor na formação de jovens leitores e, conseqüentemente, o cuidado necessário na escolha das atividades relacionadas à leitura; trata, também, da importância de se trabalhar diferentes gêneros textuais em sala de aula, por apresentarem-se mais próximos do cotidiano dos alunos, e como isso pode ser feito utilizando o livro “Classificados Poéticos”, de Roseana Murray.

Palavras-chave

Literatura infanto-juvenil; Gêneros textuais; Ensino fundamental; Classificados poéticos

Abstract

The subject discussed here in is the role of both teachers and schools when it concerns to the development of young readers, and therefore the attention required to select activities related to reading; we also discuss the importance of dealing with different textual goods in the classroom since they are closer to the everyday routine of students, and how this can be done using the book “Classificados Poéticos”, by Roseana Murray.

Keywords

Infant-juvenile literature; Textual genres; Basic education; Poetic ads

“Na vida de cada leitor existiu quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros”. (Marisa Lajolo)

Introdução

A literatura apresentada para crianças e jovens na escola, muitas vezes, não é algo atraente, e este assunto merece um cuidado muito especial. À escola e especialmente aos professores, cabe a grande responsabilidade de tornar a literatura acessível e atraente para os alunos, e para que isso aconteça, em primeiro lugar, é imprescindível que o professor seja também um leitor. Professores que indicam livros para os alunos sem terem lido, ou mesmo sem gostarem da obra, dificilmente alcançarão seus objetivos. A grande preocupação que se deve ter é de utilizar estratégias que tornem esse contato com a literatura o mais prazeroso possível, sem utilizá-la como mero pretexto para o desenvolvimento de atividades em sala de aula.

Outro aspecto bastante discutido por educadores é o trabalho com gêneros textuais, que torna o ensino um pouco menos artificial, por partir de textos comuns aos alunos em seu dia-a-dia.

Uma boa sugestão é tentar unir essas vertentes e desenvolver estratégias que utilizem a literatura como a primeira etapa de uma série de atividades, que culminarão em uma aprendizagem mais agradável e significativa para os estudantes.

O livro “Classificados Poéticos” (1995), da autora contemporânea Roseana Murray, pode ser uma excelente escolha para esse tipo de proposta. Em primeiro lugar, os alunos podem ter contato com a arte por meio de poemas simples, mas profundos, capazes cativar a imaginação de qualquer pessoa. Em seguida, pode-se trabalhar com classificados de jornais, aproximando a realidade e a arte. A literatura seria, então, um ponto de partida atrativo e enriquecedor para atividades com gêneros textuais, cuja familiaridade é importante no próprio desenvolvimento das habilidades de comunicação.

O desafio de lidar com a literatura na escola

Nos últimos tempos, muito se tem discutido sobre o trabalho com a literatura e o papel da escola na formação de cidadãos leitores. Não apenas jovens com competência leitora, mas que apreciem literatura. Nas escolas públicas do Estado de São Paulo, por exemplo, na última década, o acesso a livros paradidáticos tem sido bastante facilitado, seja pelas bibliotecas, que têm recebido variados títulos de literatura infanto-juvenil, seja por meio das obras com as quais os alunos têm sido presenteados, justamente para incentivar o hábito de leitura. Porém, o acesso a materiais e os ambientes dedicados à leitura não garantem que os alunos leiam mais.

Também se tem divulgado bastante a necessidade de incentivo por parte do professor, que deve ser um exemplo para os alunos. Independentemente da estratégia empregada, sejam as “Rodas de Leitura”, as “Leituras Compartilhadas” ou as “Leituras em Voz Alta”, o verdadeiro empenho do professor deve ser em oferecer aos alunos literatura de qualidade, para que eles sintam interesse em buscar obras que atendam aos seus gostos. Daí a importância de permitir que os próprios alunos escolham os títulos que gostariam de ler.

Embora o valor da leitura seja inquestionável, essa atividade envolve alguns obstáculos para a sua efetiva prática em sala de aula. O professor encontra uma série de dificuldades, a começar pela inexistência de fórmulas prontas, as famosas “receitas” para o trabalho em sala de aula, pura e simplesmente porque não é possível encontrar duas salas exatamente iguais da mesma série, nem

dentro de uma escola, que se dirá em realidades diferentes. Entretanto, é necessário refletir sobre alguns aspectos na hora de trabalhar com literatura, especialmente porque o termo “trabalhar” já traz em si uma conotação pesada que, de certa forma, anula o prazer da leitura.

Segundo Pinheiro (2004, s/p),

A necessidade da presença do livro literário em sala de aula é algo incontestável. Fonte inesgotável de conhecimentos e descobertas, a literatura, enquanto atividade cognitiva, contribui para a ampliação do processo perceptivo do leitor. O profissional da educação nunca deve perder de vista o princípio artístico que é o fundamento de toda obra literária: a literatura é, antes de mais nada, arte, é um fenômeno de criatividade que representa o ser humano, o universo, a vida por meio da palavra, numa comunhão entre o sonho e a vida prática, entre a utopia e a realidade.

É muito comum que os professores questionem que se não exigirem alguma tarefa, especialmente escrita, a respeito do que foi lido, tem-se a impressão de que nada foi, de fato, apreendido. “O problema do ensino de Literatura, hoje, centra-se praticamente no trabalho a ser desenvolvido com o livro, no utilitarismo dos textos” (ARENA, 1992, p. 62). O aluno que pega um livro com a expectativa do que será exigido ao término da leitura, perde, já de início, o essencial para a formação de um leitor: o prazer. O professor precisa, então, ter sensibilidade para não provocar no aluno exatamente o inverso do que se espera: em vez de gosto pela leitura, aversão, por saber que aquele momento estará fatalmente atrelado a algum tipo de avaliação, no sentido mais negativo da palavra.

As relações entre literatura e ensino são quase sempre problemáticas. Por ser uma arte, a literatura não deve ser trabalhada em sala de aula como qualquer outra disciplina. Podemos afirmar que não temos ainda muita clareza sobre metodologias adequadas ao ensino da literatura. [...] no ensino fundamental, a literatura aparece ora como pretexto para abordagens temáticas, ora para o ensino de regras, sugestões de redações ou outros pretextos. A leitura literária, em si prazerosa, que nos convida a viajar, a conhecer o mundo a partir da imaginação, é, de fato, pouco ou nada trabalhada (PINHEIRO, 2000, Contracapa).

O professor precisa, então, de criatividade para encontrar estratégias que estimulem o interesse dos alunos pela leitura. Embora não haja fórmulas perfeitas, é conveniente analisar diferentes propostas e adaptá-las de acordo com o público-alvo.

Para Caldin (2002, p. 20),

O literário e o pedagógico estão imbricados na literatura infantil desde seus primórdios. A escola, ao priorizar o didático em detrimento do lúdico em textos para crianças, transforma a leitura em função pedagógica. Entretanto, arte e educação podem ser parceiras na fruição literária, se a escola fornecer às crianças os estímulos adequados à leitura.

Muitas vezes pode ser tentador utilizar com os jovens as mesmas técnicas com que se foi ensinado, mas os tempos mudam e, se a escola está defasada dentro desse quadro de transformações

constantes, o docente precisa fazer a sua parte e evoluir. É preciso buscar sempre novas soluções para antigos problemas.

O trabalho com gêneros textuais

No Brasil, o trabalho com gêneros de discurso no ensino de Língua Portuguesa foram impulsionados especialmente no final da década de 90, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN, em que se afirma ser “necessário contemplar nas atividades de ensino a diversidade de textos e gêneros, [...] não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (BRASIL, 1998, p. 23).

Nos PCN propõe-se que sejam dadas oportunidades aos alunos de terem contato com diversos gêneros de discurso, uma vez que “os gêneros existem em número quase ilimitado, [...] e mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível”. É necessário que se faça uma seleção e que se priorizem “os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” (BRASIL, 1998, p. 24).

Não é difícil para os profissionais do magistério notarem como o ensino tradicional de produção escrita apresenta sérias dificuldades e esbarra em um ponto crucial: a artificialidade. Além da falta de objetivos por parte dos alunos e a falta de um leitor real para as produções, este ensino peca na adoção, segundo Rossi (2002, p. 136) “da tipologia clássica da ‘narração’, ‘descrição’ e ‘dissertação’”, pelo fato de não existirem desta forma na vida cotidiana dos alunos. O trabalho com gêneros serviria, então, para amenizar essa situação, pois os alunos têm contato com diversos gêneros em seu dia-a-dia. Poderiam, portanto, dispor de seu conhecimento prévio e realizar atividades mais significativas, próximas da realidade, por partirem de textos reais.

De acordo com Kleiman (2005, p. 7),

A proposta dos PCN de fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral quanto escrita, nos gêneros do discurso, desencadeou uma relevante e significativa atividade de pesquisa visando, primeiro, descrever uma diversidade considerável de gêneros a partir dos heterogêneos textos que os atualizam e, segundo, apresentar sugestões didáticas para o uso dos textos enquanto exemplares e fonte de referência de um determinado gênero. [...] Ao contrário do que geralmente acontece com novas propostas impostas pelos órgãos governamentais, devido ao interesse teórico da noção de gênero, a concretização da proposta dos parâmetros nacionais pode não vir a se constituir em mais uma exigência e uma sobrecarga feitas a um profissional já demais exigido e sobrecarregado.

Mais de uma década depois da edição dos PCN, ainda é muito válido um estudo de como organizar sequências didáticas que priorizem os gêneros textuais e não apenas diferentes tipos de textos, pela gama de possibilidades que isso pode oferecer. “Os gêneros textuais fundamentam-se em critérios externos (sócio-comunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundamentam-se em critérios internos (linguísticos e formais)” (MARCUSCHI, 2005, p. 34).

Rossi (2002, p. 143), afirma que “estamos em um momento [...] em que o ensino de leitura e produção de texto em Língua Portuguesa – a partir de gêneros discursivos – é assunto em pauta”. Ainda para a autora, “todos os gêneros do discurso têm características típicas que incluem, entre outras, formas de linguagem adequadas. [Assim] a organização típica de cada gênero deve ser bem conhecida por quem vai produzi-lo” (p. 140). O trabalho com gêneros precisa levar em

consideração, portanto, as circunstâncias de produção do discurso e, certamente, é muito mais válido que um aluno saiba, por exemplo, como e onde aplicar determinado gênero, de acordo com a fonte e o interlocutor, do que conheça apenas os aspectos formais relacionados à gramática normativa. De acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p. 21),

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura.

Para Marcuschi (2005, p. 35) “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero”.

Porém, como não há propostas infalíveis, de nada adianta adotar o trabalho com gêneros textuais diversos, seguindo-se sempre uma rotina que acabe por transformar também essas atividades em artificiais. Nos PCN (BRASIL, 1998, p. 26) há o alerta de que,

[...] a inclusão da heterogeneidade textual não pode ficar refém de uma prática estrangulada na homogeneidade de tratamento didático, [...] [com] um mesmo roteiro cristalizado de abordagem [...]. A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; deve contemplar, também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura.

Rossi (2002, p. 143) toca, enfim, em um ponto crucial: “o conhecimento e o domínio de um gênero não implica o domínio de todos. Por suas características típicas, cada gênero tem de ser conhecido e praticado em experiências sociais ou escolares significativas para que a pessoa passe a dominá-los”. Utilizar diferentes gêneros textuais, portanto, não significa revolucionar o ensino de Língua Portuguesa, tampouco, isso trará a solução para todos os professores da área, porém, uma reflexão crítica dessa tendência, sempre com a preocupação de facilitar a aprendizagem do aluno, é algo válido, e merece atenção de todos que se ocupam do ensino da língua materna.

Uma proposta para sala de aula

Tendo em mente dois aspectos importantes levantados: como despertar o gosto pela leitura na escola, sem eliminar o prazer das crianças com avaliações posteriores, e a importância de se trabalhar com gêneros textuais para amenizar a artificialidade do ensino da produção escrita tradicional, eis que surge a dúvida: como conciliar essas vertentes?

A proposta apresentada aqui é bastante simples e pode ser aplicada em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, por exemplo.

O primeiro passo seria apresentar a obra literária e deixar que as crianças se apropriassem e tirassem suas impressões. Uma sugestão é iniciar a aula com a leitura de um trecho do livro escolhido, neste caso “Classificados Poéticos”, de Roseana Murray (1995, p. 24):

*Troco um fusca branco
por um cavalo cor de vento
um cavalo mais veloz que o pensamento.
Quero que ele me leve pra bem longe
e que galope ao deus-dará
que já me cansei deste engarrafamento...*

O ideal, obviamente, seria que os alunos tivessem exemplares do livro à disposição, mas já prevendo as dificuldades que poderão ser aqui encontradas, partindo do pressuposto de que apenas o professor possua a obra em mãos, uma possibilidade, além da simples leitura em voz alta, é que o professor espalhe alguns poemas pela classe, em mini cartazes, que podem até trazer a reprodução das ilustrações originais para que os alunos tenham um contato visual com os “classificados”. Embora não seja o mais adequado, tirar o texto de seu suporte, é uma opção. Após a leitura, o professor pode perguntar aos alunos se alguém conhece algum texto parecido com aquele. Independentemente da resposta, o professor pode seguir sua leitura de mais alguns trechos, com o cuidado de escolher diferentes tipos de classificados, seja de troca, venda, compra, ou procura.

*Procura-se um equilibrista
que saiba caminhar na linha
que divide a noite do dia
que saiba carregar nas mãos
um fino pote cheio de fantasia
que saiba escalar nuvens arredias
que saiba construir ilhas de poesia
na vida simples de todo o dia.
(p. 9)*

*Vende-se uma casa encantada
no topo da mais alta montanha.
Tem dois amplos salões
onde você poderá oferecer banquetes
para os duendes e anões
que moram na floresta ao lado.*

*Tem jardineiras nas janelas,
onde convém plantar margaridas.*

*Tem quartos de todas as cores
que aumentam ou diminuem
de acordo com o seu tamanho
e na garagem há vagas*

para todos os seus sonhos.

(MURRAY, 1995, p. 34)

A disposição dos alunos em semicírculo é outra boa alternativa para que, ao expressarem seus comentários, todos estejam mais atentos e respeitem mais a fala dos colegas. Essa primeira etapa seria, então, de discussão a respeito das impressões causadas pelos poemas. Se gostaram ou não, se gostariam de comprar, ou trocar algo oferecido, deixando, assim, seus sentimentos e emoções aflorarem. O professor participaria como mediador em um ambiente que possa estimular a criatividade das crianças. Como conclusão deste momento, os alunos poderiam expressar, por meio de desenhos, o que sentiram/pensaram ao entrar em contato com os poemas, mas com um cuidado muito grande para que a arte não se transforme em um mero pretexto de trabalho.

Vale ainda explorar um pouco sobre a autora do livro. Em escolas que tenham fácil acesso a um laboratório de informática, seria bastante enriquecedor propor à turma uma pesquisa sobre Roseana Murray, talvez não muito conhecida, e uma busca de outros trabalhos da escritora, como o livro “Receitas de Olhar” (1999), que traz poemas com a estrutura de receitas culinárias. A autora possui também um web site (<http://www.roseanamurray.com/>), em que se pode conhecer um pouco sobre sua vida e obra, inclusive o e-book, “Variações sobre silêncio e cordas”, editado em 2008. Seja por meio de pesquisa, ou por informação do próprio professor, é importante que os alunos saibam que a carioca, com seus 61 anos de idade, já tem mais de sessenta obras publicadas e não pára de escrever. Seu livro “Classificados Poéticos” recebeu a Menção de Altamente Recomendável para Crianças, e “Receitas de Olhar”, foi vencedor do prêmio “O Melhor de Poesia”, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, para citar apenas alguns dos muitos prêmios recebidos ao longo de sua carreira. Murray é uma das principais autoras contemporâneas de poesia infantil e na contracapa de seu livro “Manual da Delicadeza” (2001) o poeta Ferreira Gullar faz uma belíssima apresentação de seu trabalho: "A poesia de Roseana Murray é feita de transparências e delicadezas como se ela falasse para mostrar o silêncio. E assim a linguagem alcança a condição de pluma ou porcelana". O essencial é que os alunos percebam que se trata de uma excelente escritora, e que possam se interessar por outras obras.

Depois deste contato com o gênero poético, o professor pode conduzir uma discussão com os alunos a respeito do formato em que os poemas são apresentados, questionando a qual gênero textual eles se assemelham e por quê.

Este seria, portanto, o momento de trabalhar com classificados reais. O professor pode pedir uma pesquisa, ou, se parecer inviável, levar ele mesmo diversos jornais para que os alunos encontrem classificados de diferentes tipos, ou seja, de compra, venda, troca, entre outros. Por meio do contato com diferentes exemplares do gênero, o aluno poderá notar suas características, realizando comparações.

De acordo com Rossi (2002, p. 140-141) “a etapa de apropriação das características de um gênero [pode ocorrer] de forma individual, ou de forma sistematizada pela escola”, e a primeira etapa para uma aplicação pedagógica com gêneros discursivos seria levar os alunos a refletirem sobre o gênero escolhido, pautados em algumas questões, como “quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Com que propósito? Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Como o redator obtém as informações? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? Que influência pode sofrer devido a essa leitura? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na nossa sociedade?” entre outras.

É importante que o docente instigue o aluno a pensar, a refletir sobre quais diferenças e semelhanças os poemas e os classificados de jornal apresentam, ou seja, quais as propriedades de cada um, dentro do contexto em que são escritos e para que tipo de leitor. Os alunos poderão perceber, assim, que a beleza de “Classificados Poéticos” está justamente na brincadeira que

Murray faz com os gêneros de discurso, utilizando as características dos classificados de jornais para compor belos e criativos poemas.

Uma boa produção, fruto de todo esse estudo, pode ser a de um classificado poético de um produto imaginário, respeitando-se as singularidades do gênero e a linguagem apropriada. Todo o processo criativo da produção textual deve ser bastante explorado neste caso, incluindo especial atenção no que diz respeito ao emprego da norma culta, à pontuação, concordância etc.

Após a escrita e revisão, pode-se produzir um livro de poemas da classe, que, na data de seu lançamento, pode ter ainda a declamação dos versos criados pelos alunos. Outra sugestão seria um painel literário, confeccionado e ilustrado pelas próprias crianças para ser exibido no pátio da escola.

Para finalizar o processo, seria muito interessante que o professor apresentasse algumas questões de reflexão para que os alunos se auto-avaliassem sobre o trabalho realizado e tivessem espaço para fazer críticas construtivas, capazes de aprimorar atividades futuras. É importante ter um *feedback* dos alunos para perceber se a atividade foi significativa e surtiu o efeito esperado, facilitando a aprendizagem.

Com base na proposta com gêneros discursivos, a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo relançou no ano de 2009 um material, anteriormente indicado para alunos de Recuperação de Ciclo, propondo um trabalho com alunos de Reforço de Língua Portuguesa, de 5ª e 6ª séries (6º e 7º anos) do Ensino Fundamental, em que sugere uma atividade com a seguinte orientação para o professor:

Retome os classificados de jornal e peça-lhes que comparem a linguagem e os recursos utilizados por Roseana Murray nos classificados poéticos.

Os alunos deverão perceber, por exemplo, que a autora utiliza verbos (procura-se, compro, troca) que são usados nos classificados de jornal. No entanto, o conteúdo do que se procura, compra ou vende é diferente, bem como os recursos linguísticos e a organização gráfica utilizados, pois, neste caso, trata-se de um poema.

Depois da discussão livre com os alunos, anote na lousa as conclusões e peça que as copiem no caderno.

Em seguida, proponha-lhes que escrevam seus próprios classificados poéticos, lembrando-lhes que podem partir de qualquer dos verbos utilizados comumente nos classificados de jornal: procurar, vender, trocar, comprar, precisar etc.

Diga-lhes também que as rimas, embora sejam eficazes para marcar o ritmo nos poemas de Roseana Murray, não são indispensáveis.

Alguns alunos podem apresentar bloqueios e seu incentivo é indispensável para que superem a inibição e deixem o poema fluir. É preciso sempre retomar com eles que um texto geralmente precisa ser reescrito várias vezes, até ficar como a gente quer. Com o poema não é diferente. Os poetas trabalham com o texto até conseguir o resultado que procuram e, mesmo assim, nem sempre ficam totalmente satisfeitos.

Se você perceber que alguns alunos têm muita dificuldade, proponha que façam a atividade com um colega que tenha mais facilidade para escrever poemas. Ajude-os você também (SÃO PAULO, 2009, p. 18).

Um professor que siga à risca essas instruções, um tanto quanto simplistas, corre um sério risco de fazer algo muito condenável na escola: destruir no aluno o prazer da leitura, utilizando a arte para uma atividade superficial e não muito relevante. Mesmo que a intenção seja das melhores,

como se sugere no material que sejam os aspectos a serem trabalhados: “a percepção da especificidade da linguagem poética em contraposição a de outros tipos de texto” (SÃO PAULO, 2009, p. 18), o professor precisa ser muito cauteloso com esta proposta.

De nada adianta que se escolha um texto de qualidade para apresentar aos alunos, se não se pensar muito bem em COMO fazer isso. Um aluno pode ter verdadeira aversão aos chamados “clássicos da literatura” por causa da maneira como esse material chegou às suas mãos na escola. Sírio Possenti, em seu brilhante artigo “Pragas da Leitura” (1994), sabiamente cita as fichas de leitura como a maior de todas as pragas da escola, capaz de tolher um leitor iminente logo em suas primeiras aventuras literárias. Não bastasse os alunos estarem sujeitos a aceitar a leitura que a escola lhes impõe, sem direito de escolha, a maneira como essa inserção é feita na vida de crianças e jovens pode ser bastante traumática. Quem nunca se viu na escola obrigado a ler um livro que tenha lhe causado verdadeiro horror? Dos males o menor. Se o professor resolve assumir o papel de escolher a obra a ser lida e trabalhada, que, ao menos o faça com sensibilidade, servindo de incentivo ao gosto pela leitura e não ao desgosto!

O professor deve, então, mobilizar um espaço muito maior para a apresentação e discussão da obra literária em si, sem maiores cobranças. Essa introdução mais cuidadosa poderá fazer toda a diferença não apenas no produto final da atividade, mas na vida e na formação desses jovens leitores.

Considerações finais

A literatura não pode ser encarada apenas como um pretexto. Literatura é arte. A poesia não pode ser meramente utilitária, vista em sala de aula como um texto-base para uma atividade. O aluno tem direito de ter acesso à literatura, como patrimônio cultural, e merece ser incentivado a construir seu próprio conhecimento. Um leitor crítico só se constrói com muita leitura. Para discernir o que é bom ou ruim, e chegar a dizer do que gosta ou não, a criança precisa de orientação e de contato com toda diversidade de literatura possível. Nada melhor para isso do que os incontáveis exemplares de literatura infanto-juvenil hoje disponíveis. Muitos autores contemporâneos se dedicam a esse público e é possível encontrar cada vez mais obras de qualidade. É óbvio que a literatura não tem uma idade certa e não se pode ser taxativo com o que seja indicado para esta ou aquela série, mas se uma das grandes dificuldades dos professores atualmente é estimular a leitura entre os jovens, por que não optar por obras voltadas a eles? E que não seja negada aos alunos a oportunidade de ler apenas por ler, por distração ou lazer, sem precisar fazer nada depois, além de apreciar a arte, refletir e ampliar seus conhecimentos. Afinal, quem argumenta se gostou ou não de um livro está desenvolvendo seu senso crítico.

Já o trabalho com gêneros textuais não deve ser visto como a grande solução para os problemas de artificialidade nas aulas de Língua Portuguesa, mas como uma alternativa para professores preocupados com um ensino significativo e de qualidade. Segundo Barbosa (In: ROJO, 2000, p. 159), “resultados de pesquisa mostram que um trabalho baseado em gêneros do discurso acarreta uma melhoria considerável no desempenho dos alunos, no que diz respeito à produção e compreensão de textos”. O que realmente importa é que o professor esteja aberto a novas estratégias, que busque novos caminhos e invista em sua formação continuada, em seu estudo, atualização e capacitação, sempre em prol de quem realmente importa no jogo de ensino-aprendizagem: o aluno.

Referências

- BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis?. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado das Letras, 2000, p. 159.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**, Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 21; 23; 24; 26.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função pedagógica: o literário na escola. In: **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, p. 22-33, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/371/444>>. Acesso em: 17 abr. 2011.
- KLEIMAN, Angela B. Apresentação. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 7.
- LAJOLO, Marisa. **Na ponta do lápis. Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro**, n. 3, p. 3, mar./abr., 2006, Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/3348646/Lingua-Portuguesa-Almanaque03>>. Acesso em 17 abr. 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____. **Gêneros textuais & ensino**, 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 34-35.
- MURRAY, Roseana. **Classificados poéticos**. 12 ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1995, p. 9; 24; 34. _____. **Manual de delicadeza**. São Paulo: FTD, 2001. _____. **Receitas de olhar**. São Paulo: FTD, 1999 - (Coleção falas poéticas).
- PINHEIRO, Carlos Eduardo Brefore. **Literatura em sala de aula: a dinâmica de construção do conhecimento**, 2004. Disponível em: <<http://valriet.blogspot.com/2009/09/literatura-em-sala-de-aula-dinamica-de.html>>. Acesso em: 17 abr. 2011.
- PINHEIRO, Hélder (Org.). **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- POSSENTI, Sírio. **Pragas da leitura**. Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994, p. 27-33. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p027-033_c.pdf>. Acesso em 17 abr. 2011.
- ROSSI, Maria Aparecida Garcia Lopes. A produção de texto escrito na escola a partir de gêneros discursivos. In: SILVA, E. R. (Org.). **Texto e ensino**. Taubaté: Cabral, 2002, p. 136; 140-141; 143.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Ensinar e aprender: + Língua Portuguesa**. (Fichas Individuais). v. 2 – Material do Professor. São Paulo: SE/ CENPEC, 2009, p. 18.